

AVALIAÇÃO - DE UMA PRÁTICA CONTROLADORA À PRÁTICA EMANCIPATÓRIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

MARIA DA CONCEIÇÃO PARENTE JARDIM
URCA
conceycaojardim@yahoo.com.br

Introdução

Apesar das inúmeras contribuições teóricas em torno do tema avaliação, dentro de uma perspectiva transformadora, ainda é comum nos depararmos com práticas incoerentes e classificatórias. Essa prática avaliativa na sala de aula acaba revelando, não só o poder do professor, mas, também a hierarquização dos alunos através das notas por eles obtidas. Muitas vezes essa prática vem fortalecer as relações autoritárias dentro da escola, o que acaba reforçando a seletividade e, conseqüentemente, a exclusão dos alunos.

Na busca de reconstrução da prática avaliativa na escola, vivenciamos uma experiência de acompanhamento da ação pedagógica, com os alunos do VIII semestre do turno da manhã, do curso de Pedagogia da URCA. Através de um mini-curso, realizado com os professores, o diretor e o coordenador pedagógico da Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Dom Vicente de Paulo A. Matos, localizada na cidade do Crato. Durante os meses de maio, junho, outubro, novembro e dezembro de 2004, experimentamos momentos de reflexões, troca de experiências, onde percebemos, como se dava o processo avaliativo, assim como suas interferências sobre os resultados.

Portanto, pensamos a avaliação como um processo contínuo e reflexivo, como instrumento indispensável ao professor para ajustar sua atuação aos processos de ensino-aprendizagem e para a melhoria da educação. Em conseqüência dessa avaliação constante procuramos melhorar, mudar o nosso comportamento, as nossas atitudes. Na escola não é diferente, como afirma Hoffmann (1994). A avaliação, hoje, só faz sentido se tiver o intuito de buscar caminhos para melhorar a aprendizagem.

Fundamentação Teórica

Avaliação numa Visão Mediadora

O que tem ocasionado a maioria das reflexões em torno da avaliação é a tentativa de definição do significado primordial de sua prática na ação educativa. Vários educadores notáveis e, com formação diversa, voltam sua atenção para o processo de avaliação educacional. Ressaltamos, com base na teoria crítica de Hoffmann (1994), que uma discussão sobre a avaliação deve justificar essa atividade, enquanto mediação e superação das dificuldades de aprendizagem.

Infelizmente, ainda se percebe na prática pedagógica do professor, e principalmente no seu ato de avaliar, resquícios de uma ação avaliativa de terminalidade, onde o educando é testado, mediante o seu desempenho quanto ao conteúdo ensinado, em um dado momento. É importante salientar, que este tipo de avaliação não leva em consideração os saberes da experiência dos alunos. As respostas dos mesmos não são analisadas partindo de uma lógica coerente ao conhecimento construído pela interação do seu meio social. Esta perspectiva consiste em avaliar o educando de forma punitiva e classificatória. Possui um caráter excludente, além de fragmentar a aprendizagem.

Diante de tais situações Hoffmann (1994), propõe uma avaliação que supere esta prática de terminalidade. Numa perspectiva, cujo caráter seja respaldado pelos aspectos reflexivo e construtivo, possibilitando a construção dos conhecimentos dos alunos, numa mediação dos saberes da experiência e dos conhecimentos sistematizados, enriquecidos na escola. Segundo a autora, é necessário valorizar os saberes prévios, pois estes são considerados a base inicial de um processo de construção do conhecimento, que logo estará em superação.

É na visão de uma avaliação emancipatória que o professor deve assumir, ao desenvolver a sua prática em sala de aula, refletindo, estimulando o aprimoramento das hipóteses e acompanhando todo o processo de construção dos novos saberes por parte dos alunos. Nesse entorno, alunos e professores assumem uma relação dialógica onde a troca de experiências permite que floresçam os novos saberes. É, pois, partindo dessa concepção de avaliação, enquanto mediação, que o educador conseguirá efetivar uma ação pedagógica transformadora e política que visa a emancipação do aluno.

Aprofundando e Ampliando um Olhar Sobre o Avaliar

Para realizar uma avaliação que possa promover o aluno, o professor deve ter o compromisso e a competência para educar, tendo um olhar, ao mesmo tempo, amplo e aprofundado para a singularidade de cada aluno. Respeitando os seus limites e possibilidades, de modo que possa integrá-los ao grupo e favorecendo o seu relacionamento social, além do ambiente escolar. Com isso o professor estará valorizando o aspecto qualitativo do processo avaliativo, o que engloba também os pontos quantitativos. Perrenoud afirma que:

É mais fácil avaliar conhecimentos de um aluno do que suas competências por que, para aprendê-las, deve-se observá-lo lidando com tarefas complexas, o que exige tempo e abre caminho a contestação (PERRENOUD, 2002: p.16).

Para que as competências dos alunos sejam avaliadas devem-se observar as capacidades e eficiência que o mesmo apresenta, tanto na busca de soluções para os problemas que encontra em determinadas situações, como na sala de aula, ou em outro ambiente do seu cotidiano. Nesse processo de aprendizagem, em que a avaliação caracteriza-se como mediadora, o aluno, deve viver situações de interação com os demais e ter, como suporte, não somente os conhecimentos adquiridos na escola, mas, também, as experiências de seu dia-a-dia vivenciado em seu contexto social.

Na realização de uma análise qualitativa de aprendizagem, o professor deve considerar as múltiplas dimensões desse processo. Ou seja, os objetivos, os conteúdos, as questões epistemológicas e as atividades, tendo o aluno como elemento principal e colocando-o no centro dessa análise.

Vale lembrar que para isso, o professor deve levar em conta, as várias interpretações feitas pelos alunos durante a realização de qualquer atividade em qualquer área de conhecimento. Porém não poderá negligenciar a oportunidade de proporcionar a aprendizagem do aluno, a partir da correção dos erros apresentados.

Esse fato é relevante no processo avaliativo, visto que alguns episódios de erros, demonstram que a criança já possui alguma lógica referente à atividade aplicada. Mediante essa lógica, ela elabora hipóteses, as quais devem ser analisadas e não apenas julgadas como certas ou erradas. Daí a exigência de uma competência não apenas técnico-pedagógica do professor. Este deve ter também, sensibilidade para reconhecer quando a criança erra por não saber, por

não ter interesse em aprender ou por que está em fase de construção de hipóteses, ou ainda por centrar todos esses fatores.

Seja qual for o problema apresentado, a criança necessita de auxílio e ninguém melhor que o professor para ajudá-la nesse processo tão complexo e ao mesmo tempo tão dinâmico e gratificante.

Segundo Hoffmann (2001),

em todo ensino há uma transversalidade, mesmo que o professor não perceba, pois, os alunos constroem seus conhecimentos nas relações estabelecidas com a sociedade, envolvendo cultura, valores e os seus sentimentos. Nenhum conhecimento é construído isolado(p.68).

Muito se tem falado sobre interdisciplinaridade e os temas transversais. Os alunos continuam tendo uma aprendizagem de forma fragmentada. Para que isso não aconteça, o professor tem que se preparar, se capacitar, planejando suas aulas.

O processo de ensino-aprendizagem, só tem sentido se o professor relacionar os conteúdos, com a realidade do aluno, valorizando suas experiências. “As dificuldades de um aluno em uma disciplina podem influenciar seu avanço em outra.” (HOFFMANN, 2001, p.69). O professor, deve estar, permanentemente, atento às concepções prévias dos alunos e seu modo de expressar-se sobre eles para poder organizar questões e situações problemas passíveis de envolver os alunos.

A atenção aos alunos é muito importante. Cada aluno constrói seu conhecimento se expressando, aprendendo, errando. Por isso, os professores têm que deixar o aluno livre para expressar o seu conhecimento.

Na prática classificatória o professor ensina e exige dos alunos a resposta do jeito que ele imaginou. Na prática mediadora o professor está sempre avaliando, desde o início, durante o desenvolvimento e ao finalizar o processo de ensino e aprendizagem. As atividades são elaboradas para fazer o aluno pensar e interpretar, de acordo com o seu conhecimento adquirido a respeito do assunto trabalhado.

A avaliação é sistemática e intuitiva, pois tem que se ajustar às diferentes situações e necessidades do aluno. Cada aluno pensa diferente. O professor organiza momentos de estruturação de pensamentos, favorecendo ao aluno a objetivação de suas idéias e a consolidação dos conceitos e noções desenvolvidas. O professor precisa dominar o conteúdo para que ele possa organizar suas aulas e avaliá-las.

O conhecimento é construído de forma dialógica, entre o professor e o aluno; só assim o aluno vai sentir-se confiante para poder expressar suas idéias e esclarecer suas dúvidas.

Por outro lado, o planejamento pedagógico acaba por revelar múltiplos direcionamentos, e está diretamente ligado ao processo avaliativo. Para Zabala (1998),

a intervenção pedagógica deve adaptar-se ao processo de construção do aluno, com situações de ensino e aprendizagem concebidas para superar desafios, que possam ser enfrentados pelos alunos e que possam fazê-lo avançar sempre.(p. 38).

Portanto, as condições de aprendizagem definem, igualmente, as condições de avaliação, uma vez que se criam, ou não, situações de investigação e intervenção adequadas à observação ampla da evolução de cada aluno, em todas as dimensões abordadas.

Diz Charlot que “a educação é uma produção de si por si mesmo, mas essa auto produção só é possível pela mediação do outro e com sua ajuda. A educação é impossível se a criança não encontra no mundo o que lhe permite construir-se.” (2000, p.54)

Um dos grandes desafios da escola é fazer com que aluno e professor trabalhem juntos. Este é o objetivo que as novas concepções sobre o avaliar tentam desenvolver dentro do trabalho pedagógico. Como diz Hoffmann, “avaliar é, essencialmente, questionar, observar e promover experiências significativas do desenvolvimento do aluno”. (2001, p.73)

O processo avaliativo, assim entendido, orienta-se pelas múltiplas dimensões de aprendizagem envolvidas em cada experiência educativa. A dinâmica do acompanhamento do professor se dará na articulação entre as experiências educativas grupais e o acompanhamento das construções individuais.

Método

Na perspectiva de superar o caráter classificatório da avaliação foi realizada uma experiência através do desenvolvimento de um mini-curso com 14 professores da escola pública municipal e 23 alunas do curso de pedagogia; sendo 11 no primeiro semestre e 12 no segundo, com uma carga horária de 40 horas aula, durante cinco meses. Tivemos como base teórica os estudos dos autores: Hoffmann e Luckesi, que ressaltam uma avaliação reflexiva, construtiva e mediadora. O mini-curso foi implantado na escola, ante à necessidade de

momentos de estudos por parte do corpo docente, sobre como aplicar o processo avaliativo no cotidiano escolar, para o sucesso do ensino aprendizagem.

Nesse sentido, os momentos foram organizados seguindo um roteiro lógico de informações, de maneira que todas as pessoas envolvidas, professoras, diretora, coordenadora e os alunos pudessem repensar a prática avaliativa. Através de atividades dialogadas, foram comentados textos e documentos sobre o tema, assim como também foi privilegiada a descrição da prática avaliativa dos professores.

Resultados e Reflexão

O mini-curso sobre a prática avaliativa oferecido no ano de 2004, pelos alunos do VIII semestre de Pedagogia, para os professores, o coordenador pedagógico e o diretor da Escola de Ensino Fundamental e Educação Infantil Dom Vicente de Araújo Matos, veio contribuir para uma nova visão sobre o processo avaliativo. Percebemos que essa atividade atendeu a nossa busca de uma educação de qualidade, comprometida com a transformação social.

No primeiro semestre fizemos um estudo sobre as funções, as modalidades e os propósitos da avaliação, mostrando, em síntese, que a avaliação é um processo contínuo. Por isso deve fazer parte da rotina da sala de aula, e deve ser usada, como aspecto integrante do processo ensino aprendizagem.

Destacamos a avaliação como um instrumento que serve para o professor ajustar sua atuação nos processos de ensino aprendizagem, reforçando os conteúdos necessários e realizando as adaptações curriculares adequadas. Que, através dos processos avaliativos, o professor tem a oportunidade de conhecer como se realiza a aprendizagem.

Vejamos alguns relatos de professores, no final da primeira etapa do mini curso:

“Estou me permitindo compreender e aprender sobre os assuntos abordados, que são de fundamental importância para a minha prática pedagógica.” (professora)

“Com esse mini-curso, ampliei meus conhecimentos sobre avaliação e estou procurando melhorar a minha prática avaliativa”. (professor)

“Estou interagindo com o grupo, participando, sentindo interesse sobre o assunto abordado, dando opiniões”. (Professora)

“Momentos de reflexão e estudo são necessários para acharmos o nosso caminho, em nosso trabalho.” (Diretor)

“Ainda não estou muito segura com o meu trabalho. Tenho dúvida de como avaliar, sendo justa como meu aluno e fazendo uma avaliação da minha prática”. (Professora)

No segundo semestre os conteúdos estudados ampliaram os conhecimentos considerando a troca de experiência, reflexão e embasamento teórico. A apresentação do vídeo, “Por um olhar construtivo na avaliação” (Hoffmann), despertou nos participantes a consciência da forma equivocada que tratavam à avaliação. Enfatizando a questão da avaliação como um processo dinâmico e complexo, criticando a forma avaliativa como julgamento e classificação, contribuiu para clarear essas concepções e práticas em confronto.

Diante disso, o modelo de avaliação tradicional foi sendo questionado e comparado com o modelo dinâmico defendido por Hoffmann, que usou bons argumentos, comprovando os erros do processo avaliativo tradicional.

Num momento de interação em grupo, os participantes, debateram o texto: *Avaliação enquanto mediação*, confirmando mais uma vez o objetivo da avaliação, considerando a nova visão sobre o erro, respeitando o saber do educando, o conhecimento prévio, a cultura de cada um. Buscou-se questionar o papel do professor, a importância da postura profissional do educador para que a avaliação seja, realmente, mediadora. Todos os participantes se viram frente a frente, cada um, consigo mesmo, questionando-se, avaliando-se.

Pensando em avaliação é necessário considerar os valores da escola como instituição, que tem a necessidade de ser avaliada. Sendo um órgão social, sua organização, formas de trabalho, capacidade profissional devem considerar sua clientela. Portanto a avaliação institucional pode influenciar na avaliação da aprendizagem.

Através do estudo sobre os PCNs, os professores perceberam a importância da multiplicidade escolar, as várias formas como trata os conteúdos, a interdisciplinaridade, os resultados dados pelos educandos, dificuldades e necessidades no ensino-aprendizagem. Segundo os PCNs, avaliar significa efetivar a função de alimentar e orientar, intervir pedagogicamente.

O texto de Hoffmann (2001) “Aprofundando e ampliando o olhar: As múltiplas dimensões do olhar avaliativo (p.64), gerou discussões em torno das dimensões que analisa a

cada etapa do processo individual. São questões relativas às áreas de conhecimento do aluno, com sua tarefa de aprender, às relações estabelecidas com o grupo, aos objetivos, aos conteúdos e às atividades desenvolvidas.

Buscou-se enfatizar a questão epistemológica, referindo a intervenção pedagógica do professor a partir do questionamento sobre a trajetória percorrida por cada aluno, ajustando as ações educativas a uma situação de aprendizagem correta.

Após a realização do mini-curso foi feito um momento de avaliação com o objetivo de relatar os resultados e analisar o alcance dos objetivos propostos pelo curso. Os relatos demonstraram um bom resultado do trabalho proposto. Registraram-se comentários, como:

“Me fez refletir as seguintes questões: Que homem preciso formar? Que sociedade preciso criar? Que posso fazer, a partir do que tenho, para atingir as metas pretendidas?” (Professor).

“Procurar fazer sempre um bom trabalho, visando a melhoria dos alunos, buscando incentivar aqueles que se mostram ausentes na sala de aula”. (Professor)

“Que avaliar não se limita a uma simples ‘prova’. Avaliar necessita de vários instrumentos para chegar a um resultado mais conveniente, avaliar a aprendizagem é complexo e pesaroso. Só é possível realizar uma boa avaliação, conjunta com o educando, pois a conscientização deve ser alcançada por ele, com a mediação do professor.” (aluna do curso de pedagogia)

“Tivemos oportunidade de aprender mais sobre avaliação. E que dentro das minhas limitações me senti estrela.” (Professora)

“Foram horas bastante agradáveis, onde novos horizontes foram abertos”. (Coordenador)

Os resultados analisados durante o curso vêm certificar que os objetivos propostos foram alcançados. Mas ficou comprovado que a fome de conhecer não foi saciada e que almejam mais um trabalho a ser desenvolvido pela URCA.

Observa-se que ainda há necessidade de maior aprofundamento teórico e prático sobre avaliação, tanto dos educadores como da comunidade escolar, que ainda a vêem como produto final e não como processo sujeito a avanços e desenvolvimentos.

Conclusão

O ato de avaliar é fundamental para todas as ações que realizamos especialmente na relação professor-aluno. Destacamos a importância desse trabalho realizado na Escola de Ensino Fundamental Dom Vicente, constituído pelos professores, diretora e coordenadora, juntamente com nos alunos do VIII semestre do curso de Pedagogia da URCA. Ante os resultados obtidos durante o referido curso, podemos afirmar que foi esse, um momento de grande relevância para a formação dos futuros professores. Possibilitou a troca de experiências, principalmente, com professores experientes, utilizando a avaliação como um eixo norteador, entre o pensar e o fazer.

Buscou-se analisar a avaliação sob vários aspectos e práticas realizadas no dia-a-dia, a partir de estudos críticos e reflexivos baseados em abordagens apresentadas por Luckesi e Hoffmann. Optamos por aprofundar nossas reflexões a respeito da avaliação como processo contínuo, crítico e reflexivo servindo de instrumento para a melhoria do desenvolvimento do aluno, o aperfeiçoamento da prática do professor e, conseqüentemente, a melhoria da qualidade da educação. Educação aqui entendida como mediadora e responsável pela formação do cidadão crítico e consciente, capaz de promover a transformação necessária.

As reflexões, discussões e estudos realizados a respeito da avaliação possibilitaram um crescimento no resultado final dos alunos, o que pode, provavelmente, contribuir para a melhoria do trabalho docente, no decorrer dos trabalhos realizados na escola.

Vários fatores influenciaram para que os resultados fossem significativos. Um deles foi o fato de resolverem dúvidas e auxiliarem os alunos com mais dificuldades na construção do seu conhecimento, com atendimento diferenciado. Os instrumentos de avaliação foram mais diversificados e foi adotada a avaliação contínua, afastando aquela idéia de semana de provas, como acontecia anteriormente na escola.

A avaliação realizada pelos professores possibilitou um redimensionamento do trabalho, de acordo com as necessidades que foram surgindo, considerando a avaliação, não com o objetivo de classificar os alunos e dar-lhe uma nota e, sim, com a função de conscientizar todos os envolvidos no processo, sobre a necessidade da busca de alternativas de solução que contribuíssem para um melhor resultado.

Esse crescimento dos professores em relação à tarefa avaliativa foi constatado na prática. Passaram a fazer uma avaliação mais ampla, através de registros sistemáticos, elaborando instrumentos para registrar as observações, com definição clara de critérios e usando os resultados, nos planejamentos.

Durante o período de estudos houve entusiasmo e participação de todos, seguido da vontade de aprofundar seus conhecimentos sobre o tema, procurando a melhor solução para avaliar seu aluno. Sabemos que isso representa um desafio muito grande, pois, significa estabelecer uma prática avaliativa inovadora em uma escola que já recebe tudo determinado, tendo a função apenas de executar as ações, sem questioná-las e, muito menos, de participar da elaboração e planejamento das mesmas.

Para uma efetivação de uma avaliação realmente transformadora é essencial que a escola, como um todo, esteja constantemente revendo, repensando e transformando sua prática. Levando em consideração o planejamento político pedagógico, de modo que proporcione ao educando novas perspectivas sobre a educação e situações concretas. Que essas, lhes permitam atuar como sujeitos ativos e comprometidos com esse processo e, ao mesmo tempo, tão desafiador e complexo.

A avaliação permite retro-alimentar a prática. Através da reflexão sobre sua atividade e a análise das situações, o professor tem condições de conhecer as características de cada aluno, seu ritmo de aprendizagem; buscar entender a forma como as relações os afetam, o seu desenvolvimento tanto no que se relaciona à aquisição dos conhecimentos, como nas atitudes e habilidades. Este diagnóstico permite ao professor reorientar sua atividade, modificar seu planejamento, tanto no que diz respeito à turma, em geral, como em relação a algum aluno, em particular.

Referências Bibliográficas

CHARLOT, B. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre, Artes Médicas, 2000.

HOFFMANN, J. Mito e Desafio: Uma Perspectiva construtivista. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Educação x Realidade. 1994.

_____. Avaliar para promover: as setas do caminho. Porto Alegre, Mediação, 2001.

LIMA, M. S. L. A Hora da Prática: Reflexões sobre o estágio supervisionado e a ação docente. Fortaleza – Ceará. Demócrito Rocha, 2003.

LUCKESI, C. C. Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2002

PERRENOUD, Philippe. Dez Novas Competências para o Ensino. Porto Alegre: Arte Médicas, 2002.

ZABALA, A. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: ArtMed, 1998.